

O velho derrotou o novo

27 MAI **Ricardo Noblat**

Ele, Fernando Collor de Mello, então governador de Alagoas, conhecido como caçador de marajás. Ela, Márcia Kubitschek, deputada pelo PMDB do Distrito Federal, conhecida como filha do ex-presidente Juscelino. O flerte entre os dois era antigo — afinal, quando mais jovens, moraram e conviveram muitos anos em Brasília. O namoro, porém, só começou há alguns meses. Collor pediu a mão de Márcia em casamento político há duas semanas.



Propôs a deputada que trocasse o PMDB pelo minúsculo PRN para que os dois, mais tarde, pudessem subir juntos ao altar como companheiros de aventura à eleição de novembro próximo. Ele, como candidato a presidente da República. Ela, como candidata a vice. Um par perfeito, a se dar crédito aos eficientes estrategistas e estudiosos de campanhas que cercam o ex-governador e que lhe ditam todas as atitudes e falas.

O deputado Ulysses Guimarães intrometeu-se na história e pôs o casamento a pique com uma única conversa que teve com Márcia. Collor conformou-se com o senador Itamar Franco como vice em sua chapa. Itamar era a terceira opção dele — a primeira, o ex-governador Hélio Garcia, de Minas Gerais, rejeitou a oferta de casamento, Márcia ganhou a secretaria-geral do PMDB de Brasília, de onde imagina saltar um dia para o governo da cidade.

O sobrenome Kubitschek, contudo, chegou a estar ao alcance da mão de Collor para enfeitar a chapa dele. No último dia 10, ele e Márcia se encontraram reservadamente, em Belo Horizonte. “Você é a vice dos meus sonhos”, jurou o candidato. Márcia encantou-se com o que ouviu. Combinou com Collor se filiar ao PRN até a segunda-feira seguinte, dia 15. Naquela data, esgotava-se o prazo de filiação para candidatos à eleição presidencial.

O candidato a vice, determina a lei, deve pertencer ao mesmo partido do candidato ao posto mais alto. Pode pertencer a outra legenda, na hipótese de haver

coligação. Não havia possibilidade alguma de coligação entre o PRN e o PMDB. No dia seguinte ao encontro com Collor, Márcia se reuniu com sua mãe, dona Sara, e com alguns amigos na suíte de um hotel no centro de Belo Horizonte. Informou-os que ia “collorir”.

Quando nervosa ou irritada, dona Sara costuma ficar com o queixo trêmulo. O queixo dela tremeu enquanto tentava convencer a filha a não aceitar a proposta de Collor. “Dr. Ulysses sempre foi um dos maiores amigos do seu pai”, lembrou dona Sara. “Seu pai nunca abandonou os amigos e essa foi uma das maiores lições que ele nos deu.” Ante a intransigência da filha, dona Sara se rendeu.

“Muito bem, você é que é a deputada. Faça como quiser”, admitiu. Mas, por fim, ordenou: “Mas não telefone nem escreva para o dr. Ulysses. Vá a ele, pessoalmente, se explicar.” No mesmo dia, um amigo da família providenciou o jatinho de um banco mineiro que transportou Márcia até São Paulo, onde Ulysses, avisado, a recebeu de imediato em sua casa. Ouviu em silêncio o que ela tinha a lhe dizer. Depois falou.

Dissertou, longamente, sobre a amizade que o uniu a Juscelino, lembrou episódios que viveram juntos e concluiu, paternal: “Minha filha, a amizade está acima de tudo, não se preocupe. Eu estarei sempre com você e irei com você até para o inferno.” Aconselhou Márcia a fazer o que preferisse. Levou-a até a porta da casa e liberou-a com a advertência final: “Se entendá logo com Collor, que o Itamar quer ser o vice dele.”

Márcia foi embora comovida com o que ouvira de Ulysses sobre o pai dela e assustada com a advertência sobre um possível acerto paralelo entre Collor e Itamar. Na edição do sábado de um jornal mineiro, leu a notícia de que Collor convidara Itamar para a vaga de vice. A fonte da notícia foi o próprio Itamar, que ocupou o fim de semana filiando centenas de correligionários dele de Juiz de Fora ao PRN.

No domingo à noite, Márcia atraiu Collor para um encontro no apartamento dela em Brasília. Queria garantias de que seria candidata a vice, se no dia seguinte se filiasse ao PRN. Collor tornou a repetir que ela era a vice dos sonhos dele. Márcia exigiu que ele garantisse isso por escrito. Collor não o fez. Temeu a ira de Itamar, a quem convidara a se filiar ao PRN de olho na vice. Ulysses, o profissional, derrotou o amador da política.